

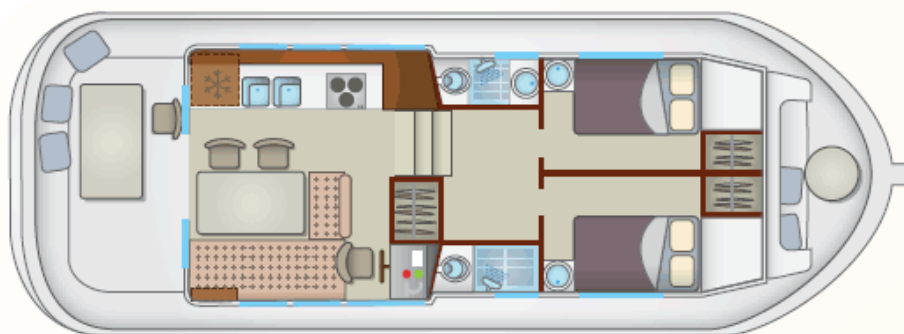
Diário de Bordo 3

Viagem pelos Canais da França

A escolha do cinza para esta parte o diário de bordo não é ocasional. Esta é a cor do céu, no terceiro e quarto dias de percurso. A chuva não para de chover!!! E eu pensando que a eficácia dos franceses seria suficiente para providenciar uma estiagem, de modo a que um grupo de brasileiros, que atravessam o Atlântico, para navegar por canais, pudesse aproveitar o verão da Lorraine.

O trabalho necessário à navegação ficou muito mais duro, porque todas as operações, em cada eclusa, têm que ser feitas sob a chuva. Além disso, estar no canal, passar ao lado de rios e lagoas, e ver a água caindo sem parar, amplia a sensação de umidade relativa do ar, que já está, de fato, super elevada. Estamos molhados por fora e por dentro.

O barco se tornou nosso ambiente durante todas as horas do dia e vejam que ele não é muito espaçoso.



PRINCIPALES CARACTERISTIQUES

Longueur : 11,20 m - Largeur : 3,85 m

Tirant d'air : 2,60 m - Tirant d'eau : 0,85 m - Eau potable : 700 L

Gazole : 360 L - Consommation moteur : 4,0 L/h

Hauteurs intérieures : avant 1,92 m - arrière 1,98 m



O percurso feito nestes 8 e 9 de julho de 2014, compreendeu muitas eclusas e um pernoite com o barco ancorado em Sarralbe, a maior cidade do nosso trajeto. Depois de paradas em *villages* que, para conhecermos, não levávamos mais do que meia hora, tivemos a chance de gastar umas duas horas para passear um pouco por esta cidade, em que alguns acontecimentos se deram.

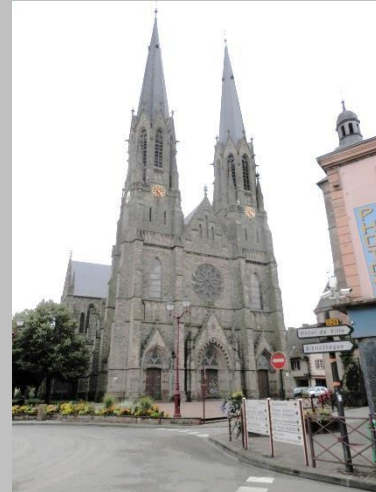
Primeiramente, Eliseu e João desceram para uma pesquisa sobre o que havia na 'progressita' Sarralbe, enquanto Eda e eu esquentávamos o *cassoulet* para o almoço (conserva em lata).

Lá vieram os dois rapazes com rosas cor de rosa para Eda e amarelas para mim! Pronto! Equiparamo-nos a vários outros barcos que passaram com vasilhinhos na varanda ou jarras sobre a mesa: já tínhamos flores a bordo. Os lindos botões passaram a nos acompanhar no trajeto e se abriram completamente nos dias seguintes. Mais tarde, João contou que Eliseu ficou bastante animado com a florista que também tinha origem italiana... O fato é que até agora não sei se

ganhamos flores, porque a florista era atraente, ou se as ganhamos porque somos atraentes, mas, de um jeito ou de outro, elas duraram até o final do percurso.



Sarralbe era menos equipada do que imaginávamos, ou melhor, do que queríamos, depois de alguns poucos dias dentro do barco. Além de vários salões de beleza pelos quais passamos, da igreja imponente, de um sobrado altivo com rostos esculpidos na fachada, do moinho em funcionamento, queríamos mesmo uma loja para comprar alguns agasalhos. Quem poderia imaginar que faria 12 graus e que precisaríamos, para passear de barco no verão, de algo além de bermudas, camisetas e sandálias?. Olha daqui, olha dali e nada de comércio de confecções, a não ser uma loja antiga com roupas bem *demodées* na vitrine e que, apesar das portas abertas, proprietário ou atendente sequer apareceram.



Resolvemos perguntar para um moça que passava com a filha e ela rapidamente respondeu: “Somente no centro comercial (*shopping center* para nós no Brasil) e estou indo para lá. Vamos?” Mais um acontecimento inusitado nos liga a Sarralbe, afinal, um convite deste tão espontâneo não era esperado.

Entramos os quatro no banco traseiro de um carro novo e enorme e lá fomos para o tal espaço de compras. No meio do caminho, enceto uma conversa. Perguntei sobre o número de habitantes da cidade. Nem ela nem a filha sabiam, mas esta rapidamente acessou o Google pelo telefone celular e informou que eram 4.600 habitantes. Continuei minha ‘entrevista’ e perguntei se ela, a mãe, era de Sarralbe. Ela disse que não. Nasceu na Turquia em 1972 e sete anos depois imigrou para a França, onde cresceu, casou-se e tem três filhos. Entrei no tema do verão e das férias escolares que haviam começado há três dias. Ela

explicou que, embora todos viajem neste período, ela ficaria pois seu marido que é pedreiro trabalha no verão e viaja no inverno, sempre que possível para a Turquia.

Pouca curiosidade ela demonstrou sobre o quarteto de viajantes, mas no centro comercial a jovem que nos atendeu para vender uma blusa para o Eliseu, perguntou se éramos alemães (?!?!), ao que reagimos rapidamente tratando de firmar nossa brasilidade. Ela exclamou imediatamente: “Superbe!” E achou engraçado que tivéssemos deixado nosso país no período de Copa do Mundo. Acho que já estávamos pressentindo algo, quando resolvemos não ficar para ver o certame em terras brasileiras.



Não entendemos bem a razão, mas, apesar da quietude de Sarrebourg, do ‘não sei o que fazer aqui’ e o ‘será que a França mudou muito e o perigo está por toda parte?’, na principal esquina, em frente à catedral, estavam insólitas três câmeras registrando tudo e todos, enquanto duas cegonhas, que cuidavam de seu ninho, seguiam a vida de sempre, geração após geração, à revelia daquelas maquininhas que fingem que olham tudo...

Pelas ruas de Sarrebourg, durante o dia, vimos dois ou três carros “fantasiados de Copa do Mundo”, passando com bandeiras verdes amarelas e negras, alguns buzinando cheios de certeza, outros sem qualquer manifestação mais contundente. A esta altura, a França já estava desclassificada, então, quem por estas paradas gosta de futebol, numa região que, por tanto tempo, oscilou entre

o domínio alemão e o francês, está neste dia torcendo pelo país do leste, ou então, torcendo contra ele, mas em silêncio total.

A maior parte de nossa andada por Sarralbe foi destinada à procura de onde assistir o grande *match* da noite – Alemanha x Brasil. As opções não eram muitas e aí vem nosso terceiro acontecimento do dia.

O maior café restaurant era o *Le Crocodile* que, apesar da fachada simpática com suas janelas verdes, tinha um ar pouco agradável do lado de dentro – muitos homens no balcão, tomando enormes canecas de cerveja (afinal, estamos na fronteira com a Alemanha) e um chão um pouco sujo para o gosto das mulheres do quarteto. Olhamos de um lado e do outro, e fizemos meia volta, escolhendo o pequeno estabelecimento que estava ao lado, bem mais modesto, mas onde haveria como comer com mais opções.



Entramos no *Café e Restaurant Chez Dogan*, cujo jovem atendente rapidamente mostrou o cardápio, que era uma espécie de folder, ou seja, ao mesmo tempo em que continha as possibilidades de escolha do que comer e beber, fazia as vezes de autopublicidade.



Na parte externa do folder-cardápio, estavam: ele próprio (o da esquerda na imagem do trio), o dono que estava sentado ao fundo do pequeno estabelecimento (o do meio na foto e garbosamente cortando a carne no desenho principal) e uma terceira pessoa, que mais tarde reconhecemos entre os que ficaram para assistir o jogo.

Lá estávamos nós, quase na divisa entre a França e a Alemanha, num restaurante de turcos, comendo Kebab e bebendo vinho turco (sim existe vinho turco e não é dos piores!). Aguardávamos o Brasil x Alemanha, já com a notícia de que Neymar não jogaria. O jovem atendente, a cada vez que vinha à mesa, dizia, em tom simpático, mas não muito alto, que os turcos que viviam em Sarralbe estavam hoje torcendo pelo Brasil, afinal não havia muita empatia entre a Turquia e a Alemanha, em que pese ser este país o que mais tem recebido imigrantes trabalhadores do outro, ou talvez, por isso mesmo. O jovem tinha um ar de franqueza, mas por outro lado, sabemos bem que todos estes povos do Oriente Próximo são muito bons comerciantes e, desde pequenos, estão todo tempo buscando agradar o freguês. De todo modo, naquele momento, era mais confortável imaginar que tudo estava a favor do Brasil, com aquela pequena torcida da comunidade turca numa cidade quase alemã.

Enquanto jantávamos e, em seguida, durante o jogo, entraram e saíram algumas pessoas, que davam toda impressão de serem *habitués*: alguém que sai de um trabalho noturno e passa para uma janta rápida; outros que entram apenas para um copo de cerveja; aqueles que buscam um bate papo rápido sobre o que saiu no jornal; aqui e ali um comentário sobre o jogo e a saída rápida, de um por um, após uma olhada de estranhamento e, depois, de comiseração para o grupo de brasileiros. A cada gol, certo ar de constrangimento dominava o ambiente, afinal, não ficaria bem nem festejá-lo, diante do nosso quarteto patético, nem tampouco dava para dizer alguma coisa que pudesse consolar-nos. O fato é que não havia quem não se surpreendesse com cada gol feito pela Alemanha.

Ficamos aturdidos e sem graça, afinal, a presença de quatro brasileiros naquele singelo lugar poderia dar a entender que era um bom presságio, numa cidade em que havia vitrines enfeitadas para o grande torneio, com as cores do Brasil e imagens que aludiam ao país, como a do Cristo Redentor.

Total equívoco, não apenas perdemos o jogo de 7 x 1, como todo caminho de volta para o barco, já quase a meia noite, foi acompanhado dos comentários *experts* do Eliseu e do João (como bons brasileiros eles saberiam qual teria sido a escalação melhor, caso fossem os técnicos). Andando em silêncio, Eda e eu só sentíamos frio, enquanto nos perguntávamos: “Como foi acontecer isso? Por que mesmo deixamos o barco numa noite gelada para ver este jogo? Eu nem gosto de ver jogo de futebol, por que fui assistir este?” E isso nos ocorreu bem perto da fronteira com o inimigo. Que vexame!



O dia seguinte foi de desolação (e muita chuva). Pouco restou, além de usar o tempo de um modo muito diferente do que o planejado. Havíamos criado a perspectiva de sol, drinks na varanda, passeios às margens do canal e muita cor. Tivemos que ver graça nas tarefas mais elementares: ler o jornal com os comentários sobre a derrota brasileira, cheio de adjetivos pouco simpáticos e aproveitar para rir da nossa própria desgraça; levar mais tempo que o necessário para preparar o almoço e o jantar; prestar atenção nas paisagens lindas ao canal, ainda que enrolada num acolchoado ou abraçadinho para

passar o frio; economizar a bateria do computador, para não correr o perigo de não poder escrever ou ler nada mais tarde (como era mesmo que se faziam estas coisas antes do computador? Escrevíamos num caderninho? Esquecemos como é que se faz); pensar como lavar a cabeça sem gastar muita água, pois não haveria abastecimento nesta noite; bater papo sobre a vida e o trabalho, o passado e o futuro.



Antes de viajar por um canal, imaginava que eles estavam sempre no mesmo patamar topográfico dos rios, pelo simples princípio dos vasos comunicantes. Supunha também que estavam sempre abaixo das rodovias e ferrovias, pois pela lei da gravidade, as águas correm para os níveis mais baixos, mas não é bem assim e isso mostra o quão sofisticado foi o projeto e a implantação deles, em termos de engenharia, há tanto tempo atrás. Em grande parte do trajeto, há estradas, quase caminhos, lindeiras ao canal, que bem são aproveitadas pelos ciclistas, como já frisei, mas também necessárias para os veículos que cuidam da manutenção deles. No entanto, foi surpreendente ver que não apenas outras vias passam por cima dos canais, mostrando que o sistema de transporte é complexo, como o canal passa, como um viaduto, por cima de estradas, lagos e ferrovias.





Nosso penúltimo dia de viagem foi interrompido por uma surpresa: o plano inclinado estava quebrado e não se tinha certeza de que haveria conserto em pouco tempo. O que fazer? Ficar ancorado à beira do canal, num lugar em que não havia cidade?

Pergunta daqui,
pergunta dali,
avaliamos que seria
perder muito tempo
ficar ali quase 48 horas
sem muito o que fazer.
João Lima se dispôs a ir
de bicicleta buscar o
carro, para que
pudéssemos passear
um pouco, enquanto se
esperava pelo conserto.
E, assim, tivemos um
dia livre para dar um
pulo em Sarrebourg,
cidade em há um lindo
vitral de Marc Chagal e
passear por Nancy,
revendo sua magnífica
Place Stanislas.





Ao final, o plano inclindo não voltou a funcionar, porque o problema era grave e ali mesmo desembarcamos. Em nossa última noite no barco, já era notória a vontade de todos de chegar a um hotel no dia seguinte. Assim que amanheceu o dia, várias pequenas providências foram tomadas, para esvaziar a embarcação e atracar o barco pela última vez. Entrar com a bagagem no carro foi bom, depois da pequena aventura.





Carminha Beltrão

Julho de 2014